

A única riqueza é a vida

GORZ, André.

Carta a D. História de um amor.

Tradução: Celso Azzan Jr.

São Paulo: Annablume/Cosac Naify, 2008, 80 p.

por João Anzanello Carrascoza¹

Numa revista como *Comunicação, Mídia e Consumo*, não causaria nenhum espanto a resenha de um livro de André Gorz, como *Estratégia operária e neocapitalismo*, ou *Adeus ao proletariado – para além do socialismo*, ou ainda *O imaterial – conhecimento, valor e capital*, já que a obra deste filósofo e jornalista de origem austríaca, radicado na França após o fim da Segunda Guerra Mundial, trouxe, e continua trazendo, importantes aportes teóricos para se compreender as crises sociais do mundo contemporâneo. Mas a resenha de seu derradeiro livro, *Carta a D. História de um amor*, pode parecer fora de lugar, por ser “a história de um amor”, mais precisamente de seu amor por Dorine, companheira de sua vida.

Essa “carta” de Gorz ganhou várias reportagens nos cadernos de cultura da grande imprensa brasileira nos últimos meses, uma cobertura merecida indubitavelmente, e louvada por nós, pois raro é o espaço dado pelos jornais e revistas a relatos como este, de natureza a um só tempo terna e visceral. Em todas as matérias se destaca a contundência do texto, no qual Gorz recorda os primeiros e os últimos tempos vividos com sua mulher, o poderoso vínculo afetivo entre ambos, a doença que a debilitou e a quase ausência dela em sua obra intelectual, embora tenha contribuído de forma definitiva na sua construção.

Desde as linhas iniciais desse breve relato, somos alvejados com o vigor da escrita de Gorz e a sinceridade de seus sentimentos:

¹ Escritor, doutor pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP), onde leciona no curso de Publicidade e Propaganda, e docente do Programa de Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-SP).

Você está para fazer oitenta e dois anos. Encolheu seis centímetros, não pesa mais do que quarenta e cinco quilos e continua bela, graciosa e desejável. Já faz cinquenta e oito anos que vivemos juntos, e eu amo você mais do que nunca (p. 5).

Embora relato de um drama real, que culminou no suicídio de Gorz e Dorine – ele dizia ser insuportável viver sem ela –, *Carta a D.* aqui aparece, no entanto, porque ensaja, mesmo se inesperadamente, a possibilidade de uma reflexão sobre o campo científico. Num território em que reinam a frieza e o distanciamento (dos pesquisadores ante seus objetos de estudo, tanto quanto em relação ao valor da pesquisa de seus pares), e os afetos são combatidos não de maneira violenta, mas sutil (o que empodera seus efeitos!), trazer à tona o tema do amor soa como uma heresia. Principalmente se a voz que se pronuncia impõe respeito, como é o caso de Gorz, um dos mais destacados intelectuais europeus do século XX, autor de livros clássicos sobre questões sociais, e que, no entanto, não se limitou a discuti-las, empenhou-se também em articular propostas no horizonte do possível.

Dois assuntos que perpassam essa carta nos remetem estreitamente ao *habitus* do nosso campo e fincam espinhos em nossa consciência.

Um deles se refere à colaboração dada por Dorine, durante anos, para que Gorz erguesse a sua ambiciosa obra:

Eu acumulava uma cultura jornalística enciclopédica sobre quase todos os países e questões, inclusive as técnico-científicas, médicas e militares. Graças às dezenas de pastas que você alimentava dias após dias, eu conseguia, numa noite, escrever uma página inteira do jornal, sobre quase tudo e qualquer coisa (p. 34).

Colaboração não unicamente direta, mas, sobretudo, indireta:

Você começava o seu trabalho às oito horas e, quando voltava para casa, na hora do almoço, eu tinha acabado de me levantar. Escrevia até uma da madrugada, às vezes até as três. Você nunca protestou (p. 25).

Talvez, por essa razão, Gorz tenha escrito a seguir: “a paixão amorosa é um modo de entrar em ressonância com o outro, corpo e alma, e somente com ele ou ela. Estamos aquém e além da filosofia” (p. 26).

Neste ponto, podemos lembrar os artigos de dupla autoria que proliferaram em revistas acadêmicas, coletâneas temáticas e anais de congressos, nos quais um investigador principiante escreve o texto e outro, experimentado, entra com seu nome. Ou mesmo artigos em que os autores, vítimas do vírus da “criação compartilhada”, omitem citações, referências e fontes, certamente contributivas em sua abordagem.

Inumeráveis exemplos de outras questões associadas ao campo científico podem ser dados. Contudo, um segundo assunto, que se insinua em *Carta a D.*, é mais instigante, e provocativo, para nós. Relaciona-se à própria importância das teorias científicas, razão *sine qua non* de existência da academia. E, sem temor, enquanto confessa o seu *mea-culpa* a Dorine, Gorz deixa claro a sua posição:

Eu necessitava de teoria para estruturar meu pensamento, e argumentava com você que um pensamento não estruturado sempre ameaça naufragar no empirismo e na insignificância. Você respondia que a teoria sempre ameaça se tornar um constrangimento que nos impede de perceber a complexidade movediça da realidade. [...] Você não precisava das ciências cognitivas para saber que, sem intuições ou afetos, não há nem inteligência, nem sentido (p. 41).

Na página seguinte, o filósofo é ainda mais categórico:

Você ia se desenvolvendo sem essas próteses psíquicas que são as doutrinas teóricas e os sistemas de pensamento (p. 42).

E reconhece que, para escrever a sua farta obra, tornou-se pobre como pessoa, enquanto sua mulher vivia uma jornada mais rica. Admite, até, ter sido injusto com ela no capítulo “Você” de seu primeiro livro, *Trâite*, ao buscar, décadas depois, numa releitura, o que o motivara a escrevê-lo daquela maneira:

O que me motiva, antes de mais nada, é claramente a necessidade obsessiva de me elevar acima daquilo que eu vivo, sinto e penso; para teorizá-lo, intelectualizá-lo, ser um puro espírito transparente (p. 49).

E é aqui que Gorz, autor de *Misérias do presente, riqueza do possível*, cita, para enfatizar a prevalência dos afetos, a sentença de um romântico inglês: “Não há riqueza que não seja a vida (p. 67)”.

Num universo em que as próteses psíquicas são úteis apenas para o narcisismo dos acadêmicos que as usam, em detrimento da valorização do que é realmente significativo para a vida individual e social, um livro como este é, além de prova de amor, uma declaração de guerra. Porque em cada uma de suas páginas poreja a nossa precária (e maravilhosa) condição humana. Um livro que pulsa, lateja e dói como um coração. De que lado está o seu?